

Stadium

N.º 133 ★ 20 DE JUNHO DE 1945 ★ PREÇO 1\$50



ROSA "keeper" do
BENFICA

cuja exibição no do-
mingo passado foi o melhor factor
para garantir a vitória do seu clube

FOI uma pena que calhasse Benfica e Sporting, disse-ram algamas pessoas ao sabermos o resultado do sorteio. Não se percebe lá muito bem este pensamento. Os dois clubes não tiraram assinatura para a final, a competição que se está a disputar depende de uma operação que se costuma realizar às segundas à noite, e a simples possibilidade de chegar ao fim um dos clubes menos consagrados é o suficiente para impor a Prova, podendo dizer-se ter ela atingido plenamente os seus objectivos. Para regularidade, lá está o campeonato nacional, em que o arranjo dos desafios se encontra fixado. Um pouco monocórdicamente. Agora, sucede o contrário. Os adversários não se conhecem uns aos outros, e a sorte é que ditará sempre a última palavra, enlaçando uns e desprendendo outros. Os *teams* menos adestrados e poderosos têm nestas competições a eliminar certa chance, tanto podendo sair logo no primeiro embate, como chegar alegremente ao momento culminante, isto é, ao encontro que verdadeiramente decide o título: a final.

Bem sabemos que o conceito geral, por certo o mais lógico, é aquele que afirma que o Benfica-Sporting decide o problema. Quere dizer: o que passar com vida não terá dificuldades na conquista do título, distribuído-se assim, desde já, tanto ao Vitória de Setúbal como ao Olhanense, o papel de vítimas. Embora, repetimos, se trate do parecer mais lógico, todos se esquecem que a final da «Taça de Portugal» dura apenas hora e meia, e que neste espaço de tempo, animados os finalistas por sentimentos que valorizam a sua intervenção, a um mais do que a outro podem suceder as coisas mais estranhas, gerando-se o fenómeno conhecido pela designação de *surpresa*.

Na «Taça de Portugal», os valores foram-se sucessivamente seleccionando, ao ponto de ficarem na competição forças equilibradas e bem distribuídas pelo sorteio. Nam Benfica-Sporting, como nam Vitória-Olhanense, há manifestamente equilíbrio. É evidente que o primeiro dos referidos jogos tem uma importância que ofusca tudo em volta. Um prestígio que deixa a perder de vista todas as outras partidas. O Lamiar registou, como era de prever, uma grande enchente, e todo esse povo está já a fazer a madança para o Campo Grande.

Na primeira mão das meias-finais (apesar do torneio ser a eliminar, pode conquistar-se o título de campeão perdendo jogos no trajecto para o título) verificaram-se os seguintes resultados:

Sporting.... 1 — Benfica..... 2
Vitória..... 2 — Olhanense.. 0

Portanto, em qualquer dos dois campos apuraram-se resultados que mantêm o interesse pela segunda jornada das meias-finais. Os tesoureiros devem estar contentes. O futebol também. Caso contrário, a jornada de repetição constituiria péso morto, como realmente sucedeu no degra anterior.

O Benfica está em melhores condições do que o Sporting. Vai entrar no seu campo com uma

bola de vantagem; no fundo, grande vantagem. Mas o Sporting ainda não tem a partida perdida. Entre dois *teams* sensivelmente iguais, o *handicap* do campo e de um *goal* pode perfeitamente ser anulado. O mesmo se poderá aplicar ao outro jogo. Os dois *goals* que o Vitória conquistou nos Arcos representam, sem dúvida, um avanço a ter em conta, mas não significa *tranquilidade absoluta*. Pela simples razão de que o Olhanense é *team* para infligir punições, especialmente no estádio Padinha. Tem-no feito de outras vezes. Porque não o fazer agora? Certo, há uma pequena coisa que, parecendo insignificante, tem muita influência. É que o Olhanense precisa, para não morrer, de marcar mais de duas bolas, e quando isto acontece apodera-se dos *teams* um sentimento estranho, que lhes faz, as mais das vezes, perder a calma e a serenidade, tão necessários quando é preciso fazer *goals*. Por outro lado, há que contar também com o adversário, que não é qualquer *boneco de palha*, mas um grupo que lutará renhidamente pela honra de atingir a meta. Tocar na linha da vitória primeiro do que o outro finalista já é então um problema dilemático.

O futebol da 1.ª mão das meias-

O CAMPEONATO DA EMOÇÃO E DAS SURPRESAS

LUTA DE GIGANTES NAS MEIAS-FINAIS

O Problema ainda não se encontra resolvido
«Final» à vista aumenta a emoção

CRÓNICA DE TAVARES DA SILVA

-finais não atinga nível técnico que seja para assinalar. Nem podia atingir. Os *teams* não estão frescos. Têm feito muitos encontros e tomado parte em renhidas lutas. Já ganharam direito ao repouso, e a verdade é que continuam animadamente na liça, tendo de apresentar energias, sabe Deus como! Ainda por cima, as condições de tempo não são propícias ao jogo. Faz um grande calor e os músculos apeteecem mais a frescura da praia do que, manifestamente, os terrenos duros e batidos pelo sol. O assistente, só de ver os jogadores em acção, também fica a saar um pouco...

De sorte que, tal como foram disputados os encontros da meia-final, é caso para admirar sinceramente o jogador português, que não se poapa a conseiras, lutando desesperada e brilhantemente, no que toca a esforço, do princípio ao fim. Evidentemente, o sacrifício muscular de agora não deixará de repercutir-se no futuro. Por isso, e já que a época foi alargada de um mês, por causas de todos conhecidas, parece-nos que, em vez do *desfeso* acabar em fins de agosto, se poderia ir, pelo menos, até quinze de setembro. Proteja-se, desta maneira, o jogador. Que o mesmo é que proteger o jogo. Lembremo-nos que, entre as

épocas de hoje e as do passado, há grandes diferenças. Em muitos aspectos, mas principalmente no que se exige do homem, não é comodo ser jogador da bola!

Bem sabemos que a luta exerce grande atracção no jogador. Mas isso não destrói aquela allirmação. Por isso se exige no praticante disciplina de vida e preparação cuidadosa, não só para ele poder suportar sem prejuizo os grandes esforços, mas ainda para durar o mais possível. E jogos como o que se disputou, no passado domingo, no Lamiar, causam desgaste físico.

Os jogadores complicam o jogo, em certas manifestações, escasamente. O jogo e a sua intervenção. Por exemplo: fazendo vento como fazia no Lamiar, parece que ambos os *teams* deviam jogar com a bola rolando no terreno e fugindo tanto quanto possível ao lance por alto. O Sporting, em certas fases do primeiro tempo, ainda se preocupou com isso. Mas depois deixou-se arrastar. E o desafio, pode dizer-se, foi todo ele uma série de pontapés por alto, com a consequente falta de precisão, e um conjunto de esforços e apêgos à luta. Qualquer dos *teams* actuou à base da energia, procurando fazer pela força aquilo que não lhe seria difícil pela conjugação harmoniosa de esforços.

teams completos. São grupos am para o outro. E, no entanto, grupos que não se parecem nada. Há no Sporting mais experiência e saber. No Benfica, características diferentes: velocidade e inspiração.

Não queremos também estabelecer paralelos de jogadores. Mas não há dúvida de que aquele trio de ataque do Benfica pratica um jogo desconcertante, qualquer dos três brincando com a bola com agilidade de gato. Por felicidade para o Sporting, os interiores encarnados desceram na segunda parte, e o corpo benfiquense reflectiu logo esse abaxamento. O mais, é notável a sua actividade, esta é que é a verdade, com uma protecção na na linha média que compete destacar. Já a parrelha defensiva, jogando em pormenores, não está à altura das outras célicas.

O Sporting apresentou uma formação deixando de fora o médio Octávio Barrosa, o seu jogador mais leimoso. Tal alinhamento, incontestavelmente, favoreceu a vitória do seu adversário. Embora o *team* se tenha desarticulado, pela lesão de Canário, não há dúvida que, em globo, se comportou bem. A alguns elementos da sua linha de ataque, especialmente ao avançado-centro, deve-se, no entanto, fazer a acasação de não se desmarcar convenientemente, tornando possível o bom remate. Um grande rematador não terá utilidade se não tiver ocasião de aplicar devidamente o pontapé à baliza.

A preocupação dos interiores sportingistas jogarem com o avançado-centro, servindo-o em passes em profundidade que, normalmente, ele não bem sabe explorar, foi nitida. Mas o Sporting tem de contar com uma coisa: a barragem feita ao seu avançado-centro, e isto significa que, a não dar resultado a *insistência*, não pode deixar de mudar de ramo, e para isso também poderá concorrer aquela importante *unidade*, fazendo a troca com o interior no momento oportuno.

Apesar de tudo, o Sporting saía-se airoso de uma partida que chegou a ter as mais negras cores para a gente leonina. Não fôra um mau cálculo do guarda-rédes e o resultado seria melhor. Talvez o empate. Em boa verdade, porém: haverá o direito de referir o erro de um guarda-rédes que tanta vez salva o seu clube de morte certa?

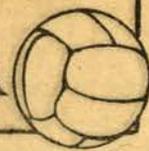
Em Setúbal também o guarda-rédes do Olhanense pode sofrer acasções. Pelo menos, a falta de confiança dos seus *backs* foi visível, tratando-se de um mal que, no fundo, afecta todo o grupo.

O jogo dos Arcos comportou aspectos de beleza. Teve de tudo: bom e mau, altos e baixos. Conversando inalterável uma característica: o apêgo à luta. Todos, e de um lado e de outro, cumpriram o seu dever. Os lances sucederam-se nam e noutro campo com rapidez, e essa velocidade, como facilmente se justifica, foi diminuindo aos poucos, à medida que os minutos passavam e a ansiedade crescia. O balanço geral dá-nos uma partida animada, viva, entusiástica, de relativo equilíbrio. Pese aos 2-0 a favor do Vitória, o Olhanense dea réplica a todo instante.

(Continua na página 7)



NO MUNDO DA BOLA



PELO "Jornalista DESCONHECIDO"

Idéias próprias e alheias...

As nossas considerações *Sobre os campeonatos regionais*, que publicámos no último número, despertaram viva curiosidade em certos sectores. Os adeptos sem quem hoje estes problemas com mais interesse do que se calcula.

Um deles, em carta, diz-nos que, com a sua eliminação (refere-se, evidentemente, ao *statu quo*) os clubes grandes nada perderiam e os pequenos teriam tudo a lucrar.

Nem tanto ao mar nem tanto à terra. Os *campeonatos regionais* devem ser modificados, mas estude-se o caso de forma a não prejudicar a actividade dos Clubes Grandes, as grandes forças portuguesas do futebol.

Os espanhóis fizeram esta época uma experiência, enxertando jornadas da «Taça Generalíssima» no Campeonato das Ligas.

A experiência constituiu um malogro. Todos estão de acôrdo em que o sistema não presta, impondo-se a sua abolição. A Espanha voltará à formula tradicional: «Taça Generalíssima» sucedendo ao Campeonato das Ligas, mas competições inteiras e separadas. Os campeonatos têm de ser disputados com regularidade. E enquanto se disputa um torneio — só se deve pensar nesse torneio.

O mal do remate é já velho no futebol português. Causas? São variadas, mas uma delas é, sem dúvida, o temperamento emotivo do jogador português, que, no momento da finalidade, sente a responsabilidade do que vai fazer, não executando com calma e serenidade. Trata-se de um trabalho para os treinadores — mais de ordem psicológica do que técnica.

Fazem-se os mais variados comentários ao facto do Barcelona, campeão da Liga, não vir a Lisboa como combinara com o Benfica.

Tudo se aponta: situação militar dos jogadores catalães; arbitragens portuguesas, etc. A culpa maior está, no entanto, na forma como Sporting venceu o Aviação, há tempos, e nas vitórias do Belenenses e do Pôrto, de agora...

SMARTA

Restaurante — Bar
Pastelaria — Salão de Chá

O restaurante que deve preferir para depois do futebol

Rua Rodrigues Sampaio, 52

Telefone 4 1553

ARBITRAGEM PORTUGUESA

Também um velho tema do nosso futebol

A arbitragem continua na ordem do dia. O processo da diagonal, tão do agrado de algumas pessoas entendidas e, de um modo geral, dos próprios árbitros, continua a funcionar com as maiores deficiências. Tantas, que o sistema é irreconhecível. O nosso companheiro de trabalho Tavares da Silva salientava há dias, no «Diário de Lisboa», ter-se implantado um sistema de arbitragem, adoptando-lhe só o nome. É que os árbitros não se colocam nem correm no terreno como deve ser, não se percebendo lá muito bem porque se denomina diagonal a forma como se está arbitrando entre nós...

O que se está a passar com a marcação dos goals vale dois dedos de conversa.

Vejam: Um *team* marca uma bola. O árbitro seguiu a jogada e não viu qualquer infração. Depois de apitar, marcando goal, e quando se apronta para mandar bola ao centro, surgem as reclamações e é modificada a sua decisão com uma facilidade que espanta.

Ainda outro dia, num desafio importante, assistimos à anulação de dois goals depois do juiz de campo ter mostrado bem claramente a intenção de os validar. Por sinal, um deles bem e outro mal anulado. Mas não é isso o que está em causa.

A decisão compete exclusivamente ao árbitro — e desde que ele seguiu a jogada com atenção, está apto a decidir, sem auxílio de quem quer que seja. Trata-se de matéria de facto, cuja apreciação varia de homem para homem.

O que se está a fazer — desprestigia o Jôgo. Parece-nos que já é tempo de abolir o sistema em diagonal, ou lá o que é, encetando ao mesmo tempo um trabalho de remodelação da arbitragem portuguesa.

CORRE QUE...

Os árbitros para os desafios com estrangeiros serão agora nomeados, por determinação superior, pela Comissão Central. Tudo conseqüências da nomeação do referee para o Belenenses-Real Madrid...

Há transferências, ou não? Eis uma pergunta que nos fazemos a todo o momento.

Podemos responder o seguinte: Regra geral — não há transferências. Estas serão permitidas, no entanto, em certas hipóteses, estudado caso por caso, mas só excepcionalmente.

Verdade seja, a formação de novos jogadores, isto é, as belas afirmações dos juniores, é como que uma das conseqüências de, regra geral, não haver transferências.

O mercado fechou-se, e os clubes procuram resolver pelo trabalho aquilo que costumavam resolver pelo dinheiro...

O campo da Tapadinha será inaugurado em Setembro próximo, com novos vestiários. A relva está uma maravilha e o clube conseguiu a água necessária para a sustentar a um preço relativamente módico.

A propósito: já vai sendo tempo dos clubes grandes relvarem os seus campos. De motu próprio, ou por imposição.

Em Espanha corre que Rauson Lafuente, antigo internacional e treinador do Desportivo da Corunha, irá assumir esta época o cargo de treinador no Atlético Aviação, passando Ricardo Zamora para as funções de secretário técnico.

Embora secretário técnico seja a grande figura dos clubes — há promoções que mais parecem descidas de pósto...

Estão definitivamente assentes três desafios internacionais na próxima época: contra a Suíça e contra Espanha, em Portugal; e contra França, em Paris.

Pode ser que haja ainda uma grande novidade...

Os clubes espanhóis movimentam-se na aquisição de jogadores. Há muita gente que julga que os jogadores da vizinha nação cobram mensalmente mundos e fundos.

E não é assim. Os ordenados são modestos, entre 1.000 a 1.500 pesetas por mês. É no assinar da ficha que está tudo!

Há resposta para tudo...

P. 67 — Qual é melhor: Espírito Santo ou Mário Coelho? (Um adepto do Pôrto).

R. 67 — Espírito Santo é melhor jogador. Mário Coelho tem, no entanto, qualidades, entre as quais excelente poder de remate.

P. 68 — Qual é melhor guarda-rédes: Barrigana ou Capela? Diz-se que vão fazer uma selecção B para jogar contra a selecção A, ou seja a selecção nacional?

Mário Coelho não é melhor do que Espírito Santo; não tem um «shot» mais certo? (Um tal do Norte).

R. 68 — Qualquer deles é um bom guarda-rédes. Capela tem mais futuro.

Não temos conhecimento do caso. Há, evidentemente, muitas seleções apresentadas. O Norte Desportivo e A Bola têm sido pródigos nesse capítulo.

P. 69 — Diz-se que a Associação Académica vai ter esta época um treinador espanhol de categoria. Sabe de quem se trata? (Um que gostava de ver a Académica campeão).

R. 69 — Trata-se de um espanhol chamado Bracero, que treinava o Lusitano de Vila Real e antigo jogador do Sevilha e do Real Madrid.

P. 70 — Consta que os grupos da Província vão fazer uma selecção que defrontará o *team* nacional, a favor da Cruz Vermelha Portuguesa. Queira dar uma opinião sobre esse encontro e como formaria a selecção da Província? (Um portista de Castelo do Queijo).

R. 70 — Nada há a tal respeito. São boatos que correm. Não conhecemos suficientemente todos os grupos da Província para satisfazer-lhe a vontade.

P. 71 — Jogadores de futebol, irradiados, poderão alinhar por outros grupos, embora com o nome do *team* modificado, em competições amigáveis? (Um de S. João de Vez)

R. 71 — A sua pergunta é confusa. Os irradiados não podem jogar oficial ou amigavelmente.

P. 72 — Reynolds, que jogou no Sporting, onde está actualmente? Ainda joga? (Um leão velho de Santarém).

R. 72 — Estava no Sporting da Covilhã até há pouco tempo. Já não joga, pois abandonou a actividade.

Evoca-se

JOÃO POSSOLO

gimnasta célebre

JOÃO LOPES POSSOLO, o mestre João Possolo, morreu há pouco tempo. Estava ainda rijo, mantinha-se desempenado, como sempre. O seu sorriso não desaparecera. Havia novidade na sua velhice... Embranquecera, entretanto. Era, apenas, um atleta do passado. Mas de um passado glorioso, que abrange grande parte da história do Ginásio Clube Português.

Fêz-se ginmasta exímio, no Ginásio. E prestigiou-o depois, com a fulguração de um valor que ficou como exemplo de correcção e

arte. Foi atleta — e foi professor. Perdera talvez um tanto da fama conquistada nos ginásios — e em público. Os anos não perdoam... Conservava-a todavia intacta — entre os consagrados e os alunos.

Vamos recordar um pouco o atleta e o rastro de valor que deixou no desporto nacional. A sua vida pode servir de lição para muita gente. Recordêmo-la, pois, como tributo de gratidão e justiça à memória do Possolo, que a morte ceifou há pouco com 76 anos, levando em suas garras um velhinho simpático, que foi dos melhores atletas lusitanos de todos os tempos. Antes, porém, descubramo-nos em sinal de respeito. E saüdemos, entretanto o clube que o fêz atleta.

Mestre Possolo começou, como ginmasta, no Ginásio Clube Português. Começou pelo princípio — e bem. Havia jeito e entusiasmo em João Possolo. E havia mocidade exuberante. Distinguiu-se logo, em equilíbrios, no trapézio. Mas dispensou a sua atenção a todos os desportos que iam aparecendo. Praticou todos êsses desportos, com êxito e com elegância. Fêz ciclismo, remo, cricket, futebol, etc.

Brillhou especialmente como ginmasta. Carlos Fernandes, notável espírito de historiador de coisas de desporto, deliniu dêste modo João Possolo. "Foi, sem exagêro, o mais notável até hoje, entre todos os ginastas portugueses, amadores e profissionais, sendo o único que fêz o difícil número de *triplices barras fixas*, difícil mesmo para profissionais. Além disto, foi o *voador* mais castiço, fazendo os *vôos à Leotard*, que eram de grande extensão, e não de cima para baixo, como se fazem agora. Foi um saltador emérito, dando duplos saltos mortais correctísimos. Nas barras triplas executava a "pirueta e meia", que muitos artistas não fazem, pelo risco de uma pancada grave entre as barras." Nenhum amador o excedeu — ou igualou, pelo menos.

Fêz parte de um grupo de ginastas amadores que ficou célebre na história do Ginásio. Dêsse grupo faziam também parte Luís Monteiro, fundador do G. C. P., Avelar Teles, Furtado Coelho, Júlio Simas, dr. Luís Vilar, Conde de Fontalva, Carolino Brandão, Pedro de Oliveira, irmãos Xafredos, Augusto Ferreira, Rafael Pina Manique, António Infante, irmãos Macieiras, Artur Pessoa, João Bravo, Carolino Sacramento Monteiro, Adelino Barradas, João de Brito, Walter Awata, etc.

João Possolo manteve-se sempre amador, desprezando bons contratos para se exhibir como artista em circos estrangeiros. Foi o amador mais ovacionado pelo público de Lisboa. O falecido monarca D. Carlos chamava-o quasi sempre ao camarote real, em noites de saraus, abraçando-o. Era um artista — como ginmasta.

Por convite de Espanha, esteve diferentes vezes no país vizinho, obtendo vários primeiros prêmios em competições de gymnástica. Num concurso organizado em Badajoz, e onde representou o Ginásio Clube Português, ganhou todos os primeiros prêmios das provas em que tomou parte.

Começou a dedicar-se ao ensino da gymnástica como monitor de Luís Monteiro, e foi seu ajudante, muitos anos, em diversas escolas de Lisboa.

O falecido estadista dr. João Franco, quando ministro da Instrução, nomeou-o professor oficial dos Liceus de Lisboa. Na altura da nomeação, mandou-o chamar ao seu gabinete e disse-lhe:

«Acabo de nomear professor oficial o célebre *voador* do Real Ginásio». Esta amabilidade de João Franco constituía, para João Possolo, um titulo de glória.

Possolo foi professor oficial durante 30 anos e estava aposentado. Mas não descansava. O seu feito não lho permitia.

Desempenhou também as funções de professor em clubes e escolas de Lisboa, como Ginásio, Lisboa Ginásio, Escola Académica, Colégio Arriaga, Ateneu Comercial, etc. Foi também professor do Corpo de Bombeiros Municipais.

A passagem de João Possolo pelo corpo docente do Lisboa Ginásio, como professor de gymnástica artística, deu origem à colocação de uma lápida. Em homenagem à valia e dedicação de João Possolo, vai ser dado o seu nome a uma das salas do referido clube.

MÁRIO DE OLIVEIRA

Em cima: Duas curiosas fotografias de João Possolo, em 1892, tal como o brilhante e inolvidável ginmasta se apresentava naquela época. Em baixo, à esquerda: Um grupo célebre de professores do velho Ginásio: sentado, o venerando Mestre António Martins, que além de notabilíssimo esgrimista foi também ginmasta consusado; de pé, Frederico Paredes, Levy Jenochlo e João Possolo (fotografia feita em 1922.)

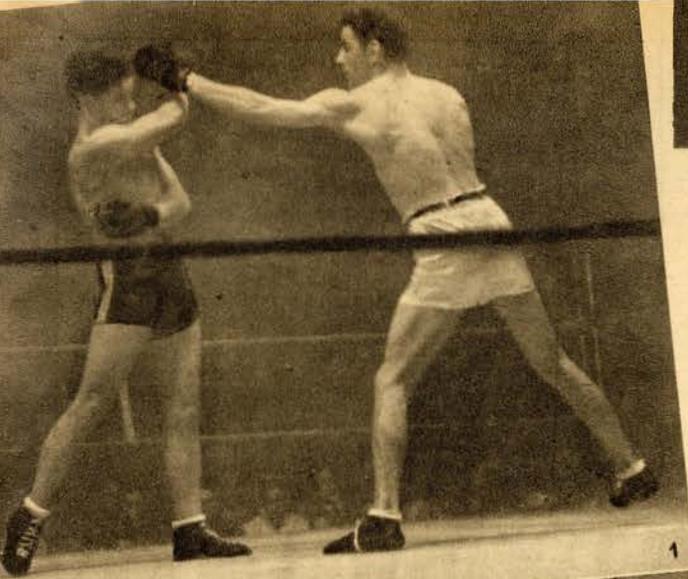
(Clichês gentilmente cedidos à Stadium pela direcção do Ginásio Clube Português)



Boxe no Parque Maier

As vitórias de LEVI e LARZEN

Crônica de Rafael Barradas



esse parecer contaram-se 87,51% dos demais colegas, 94,49% de público, 68,96% dos editores e jornalistas desportivos e 80,39% dos homens de negócios consultados num inquérito efectuado em 1942.

Em resumo: maioria esmagadora a favor do boxe-jôgo, esgrima de punhos artística e inteligente, mas contra a brutalidade, o pugilato atrabiliário e desconexo, a carnificina.

Ora se no país onde o boxe está tão arreijado e vivo na imaginação popular, a gente culta e equilibrada condena o sistema *carnicero*, como podem certas pessoas-bem ter o desdém e a pretensão de protestar quando um árbitro, honesto e consciente, põe termo a um combate desigual?

Existe, pois, um abismo entre a esmagadora percentagem de «entendidos» americanos e a reduzida «malta» de pessoas, arqui-sabedoras, que frequentam os rings nacionais. Até dá vontade de mandá-los à América...

Para aprenderem, é claro.

O combate Levi-Hita serviu para mostrar que o campeão nacional dos meio-médios está recuperando, embora lentamente, a sua forma anterior.

Já o dissemos noutra oportunidade: Levi pode refazer-se dos transtornos de natureza moral e física que determinaram o seu declínio. Para isso necessita reaquiescer a confiança nos seus dotes, ainda em grande escala propícios à sua ressurreição.

Anotámos-lhe, durante o combate de sexta-feira, todos os assaltos a seu favor, menos o sétimo, que pertenceu a Mariano Hita, e outro que considerámos igualado na pontuação. Vimo-lo principiar esgrimindo com acerto, a defender e a movimentar-se pelo ring com o máximo cuidado, para, em seguida, boxar o seu difícil adversário, preparando a colocação da «direita» ao queixo. No quarto assalto, o pugilista espanhol navegou sob uma avalanche de golpes e só a sua esplêndida mocidade, ajudada pela técnica apurada e mobilidade de pernas, conseguiu resistir ao temporal.

Depois, sangrento mas valoroso, veio à carga e aplicou óptimos golpes na cara do campeão português.

Nesta emergência, assistimos a uma prova de robustez de Levi, encaixando bem todos os socos do adversário. Passada a crise fugaz e até ao final, foi larga a superioridade do moçambicano — e indubitável. Arrancou, por pontos, a vitória mais evidente que até hoje, desde 1943, presenciámos.

Levi tem de convencer-se de que a prática do pugilismo profissional é quasi impossível se não houver a maior higiene (no sentido lato do termo) na conduta física e moral do atleta. Por outro lado, o boxe deve praticar-se como esgrima: com técnica apurada e não precipitadamente, em força e violência.

Ao terminar estas breves considerações, informamos o leitor de que a mão direita do moçambicano ficou lesionada, reduzindo-lhe as possibilidades nos últimos assaltos.

Hita foi corajoso e fez melhor combate que contra Miguel França. Jogou sempre com a maior lealdade e gentileza, factos que o tornam crêdo da nossa simpatia.

A arbitragem de Alutizio Falcão, muito facilitada pela «limpeza» e desportivismo dos jogadores, satisfiz-nos. A decisão do júri foi justa.

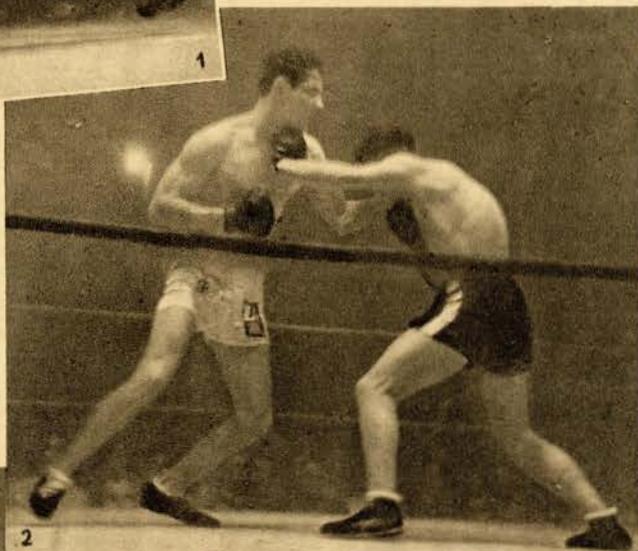
O combate de Jorge Larzen e Eduardo Lopes terminou com a vitória do pugilista português. Não concordamos com a decisão e inclinamo-nos mais para um empate,

(Continua na página 15)

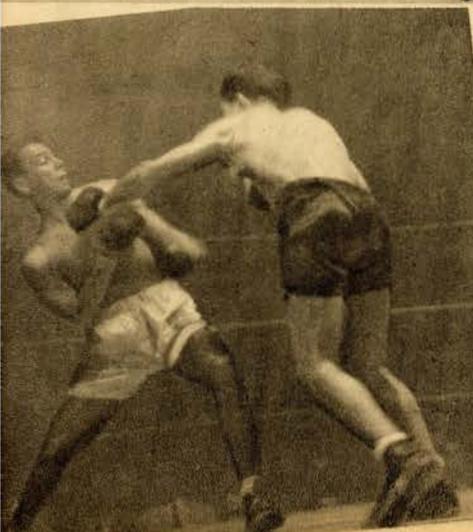
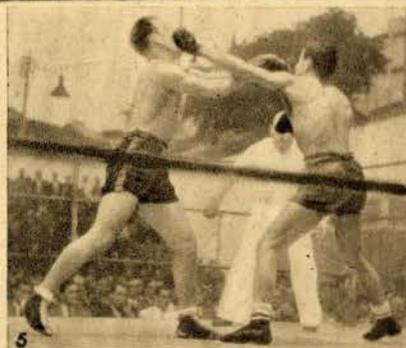
ATRIBUO o actual desinteresse popular pelo boxe ao facto dos combates serem autênticos pugilatos em vez de duelos de boa esgrima. «Os espectadores anelam pelo Knock-out, mas o talento foi sempre mais aplaudido que a violência ou a força brutal. Nos combates de agora, disputados à base de «stoma-lá-dá-cá», torna-se impossível descobrir esse mérito.

«O pugilismo precisa de ser renovado e transformado, tornando-se esgrima de punhos e deixando de ser carnificina».

Estas afirmações não nos pertencem; saíram da pena de Joe Bowman, locutor desportivo da estação de rádio dispersão KGFF de Shawnee, Oklahoma, nos Estados-Unidos. E de acôrdo com



1 — Hita bloqueia uma tentativa, no seu estilo pessoal e inconfundível; 2 — Num ataque, Levi leva por diante o corajoso espanhol; 3 — Larzen vê frustrar-se um ataque do tronco de Lopes; 4 — Boa esgriva de Larzen a um ataque da esquerda; 5 — Um bom golpe de Sousa à face de Melones; 6 — Troca de golpes com vantagem para Sousa.



OS CAMPEONATOS REGIONAIS DO SUL

foram ganhos pelo Clube Desportivo Lisgás

A vitória do Lisgás no Campeonato Regional de Amadores (Sul) constitui um prémio justo, concedido à perseverança e ao método de trabalho do activo clube lisboeta.

Três dos seus representantes, Armando Costa, Manuel Martins e Patrício Alvares, titulares no ano transacto, repetiram outra vez a proeza de ficarem campeões. É Romeu Correia, se não empareceiro com os colegas, foi devido a ter magoado fortemente a mão direita, circunstância esta que o fez desistir.

Como falamos da representação do Lisgás, queremos lamentar que o júri do combate Júlio Martins-Mário Costa tenha decidido prematuramente, afastando o concorrente daquele clube. A conduta dos pugilistas justificava a opção por mais um assalto, para se esclarecer o vencedor.

A parte, pois, as categorias de meios-leves, em que João Jorge foi eliminado contra toda a expectativa, e de meios-pesados, na qual só figurou um concorrente, podemos reconhecer que o clube da Boa Vista discutiu a vitória, até ao último cartucho, a todos os competidores das restantes colectividades.

É um feito que patenteia o seu interesse pelo desporto do boxe e que devemos realçar, lamentando apenas que a qualidade de jogo exibido seja tão rudimentar e insuficiente.

Em todo o campeonato, que durou três sessões nocturnas, não se observou um único amador esgrimindo com os punhos como outrora se viu os Abel da Cunha, Godofredo Campos, Basílio de Oliveira, Aragão de Andrade, Agostinho de Andrade, Faustino Pereira, etc. A mestria na aplicação dos golpes e a oportunidade do seu emprego, as paradas e esquivas, as fintas, o jeito a percorrer o tablado do quadrângulo, tudo se desvanecia a favor do choque atabalhoado e violento, com abundância de faltas e de corpo-a-corpo. Todos os concorrentes, *sem excepção*, se mostraram combativos. Perdão! Há que excluir José Soares, do Ateneu, cujo temor encheu de espanto o recinto do espectáculo; mas os demais foram tão valentes quanto incapazes de qualquer subtilidade ou estefismo.

Sob este aspecto, primordial, o campeonato de 1945 pareceu-nos pobre de mérito e cheio de banalidade.

Fazemos sinceros votos por que no ano vindouro o trabalho dos professores dos clubes, em lugar de ser tão pouco específico, consiga aperfeiçoar a qualidade da esgrima dos seus associados e pupilos.

A primeira sessão, que estava para se realizar ao ar livre, originou uma surpresa: a eliminação de João Jorge, representante do Lisgás. Este concorrente merecia ter disputado outro assalto mais, que o júri não concedeu. A vitória de Fernando Peres, Ateneu,

dominado no 1.º e 2.º assaltos e dominador no 3.º, não convenceu.

João Ramires (Matadouro), que ganhara o «Torneio de Preparação», foi batido por K-O técnico ao 3.º assalto. Excesso de confiança? Talvez. Apesar disso, Humberto Cruz (Rio de Janeiro), foi oportuno e soube tirar partido desse defeito do adversário.

Artur Silva (Rio de Janeiro), derrotou António Morgado (Lisgás) por pontos, manifestando maior superioridade e alguns progressos.

Na mesma noite, Júlio Martins (Lisgás) eliminou Júlio Fernandes (Matadouro), por pontos. O vencido tem pouco hábito de pisar o ring e fez uma exibição pobre.

A segunda sessão compôs-se de dois combates. Mário Costa (Lisboa Gimnásio), que derrotara Manuel Nunes (Ateneu), por falta de comparação, dispôs de Humberto Cruz (Rio de Janeiro). O combate foi duro e no final havia pouco que escolher entre os dois.

Júlio Martins (Lisgás) e Eduardo Marques (mesmo clube) batalharam com sorte diversa, cabendo a vantagem a um e outro, alternadamente. Ganhou Martins, apesar de ter sido o menos fogoso.

As finais disputaram-se no dia 11. Armando Costa (Lisgás) ficou campeão de mínimos sem competidor.

Manuel Martins (Lisgás) fulminou de médio José Soares (Ateneu), ao primeiro minuto, depois de ensaiar fracas socos à cara, ganhando o título dos levíssimos.

Fernando Peres (Ateneu) ganhou a Artur Silva (Rio de Janeiro) ao 4.º assalto, por pontos. Achamos a decisão do júri pouco feliz, pois o assalto de desempate (o que contava para o resultado) pertenceu a Silva, por escassa diferença. Peres ficou campeão dos meios-leves.

Mário Costa (Lisboa Gimnásio) venceu Júlio Martins (Lisgás) para o título dos leves. Martins jogou na defensiva o primeiro assalto e teve vantagem. No segundo saiu em furação e fez sangrar Costa, batendo-lhe a amígdala. No terceiro, houve domínio de Costa, que reagiu, por sua vez, desconexadamente, mas com poder. Achávamos *indispensável* um assalto mais — que não se verificou...

Nos meios-médios, Patrício Alvares (Lisgás) venceu Paulo Lopes (Ateneu), por abandono ao 1.º assalto, a 3 segundos do fim. Ao segundo golpe Lopes caiu e depois andou *empandeirado*. O vencedor desagradou-nos porque esboçou e manifestou pouca consideração pelo adversário, batendo-lhe na nuca sem necessidade.

Em médios, a vitória coube a António Campos (Matadouro), o mais rudimentar e primitivo pugilista do torneio. Romeu Correia (Lisgás) dominara e devia ter saído vitorioso no fim do 3.º assalto. O júri entendeu ser preciso ainda outro para desempatar, mas Correia, fortemente magoado na mão direita, desistiu. Se acaso t

(Continua na página 12)

DUAS NOTAS POR SEMANA

NO ESTRANGEIRO *A União Velocipédica Espanhola resolveu proibir a vinda a Portugal de um grupo de ciclistas, por*

entender que só ela é competente para indicar as representações do desporto que dirige, em competição no estrangeiro.

A doutrina é na aparência idêntica àquela que se estabeleceu entre nós para a composição da equipa concorrente à «Volta a Espanha», mas, na essência, a diferença é considerável — e o procedimento do organismo espanhol vem criar um precedente de muito maior rigor, cujo reflexo pode criar embaraços para o futuro das relações ciclistas entre os dois países peninsulares.

Já em anos anteriores se têm deslocado a Espanha, com agrado e proveito também dos organizadores espanhóis, equipas de ciclistas portugueses, com carácter absolutamente particular e cuja saída a Federação e as entidades superiores sancionaram prontamente, ao primeiro pedido.

Agora, o aspecto do problema é outro, pois certamente os organismos portugueses não seguir o caminho traçado pelos congéneres vizinhos, e qualquer representação passará a revestir-se de uma importância nem sempre correspondente à realidade dos factos.

É indiscutível ser a Federação o único organismo competente para autorizar deslocações ao estrangeiro, mas parecerá exagerado que só ela se julgue competente para indicar quais os desportistas que devem sair do país. Nem sempre é conveniente o absoluto formalismo na autoridade.

EM PORTUGAL *Toda a crítica foi unânime em censurar a organização dos campeonatos de atletismo disputados*

no Pôrto, apontando deficiências de toda a ordem, resultantes umas do mau estado do material e das instalações, outras da incompetência e da incorrecção de alguns dos elementos incorporados no júri das provas.

Na fase actual de recrudescimento, baseada em decidido apoio dos organismos superiores do desporto, estes percalços não são de admitir e todo o rigor se justifica para impedir que possam repetir-se. Está em jogo o prestígio da modalidade e a autoridade dos dirigentes.

Para comandar em Portugal um concurso atlético, assegurar-lhe continuidade e interesse, regularidade e ordem é indispensável uma pessoa de forte dinamismo, disposta a sair do terreno mais cansado do que os participantes e a intervir sem escrúpulos de melindre em todos os assuntos que caminham mal, mesmo que não digam respeito às suas atribuições. Foi um indivíduo assim que fez falta na pista do Lima ou, melhor dizendo, no que resta da pista do Lima.

Também ressaltou em flagrante o erro doutrinário de formar os júris obrigatoriamente com os elementos que exercem nas associações regionais cargos administrativos. Um excelente dirigente de secretaria pode ser péssimo técnico em campo — e foi o que lamentavelmente sucedeu com alguém que no organismo dirigente português desempenha excelentes serviços e no domingo andou pela pista cometendo toda a espécie de atropelos e distates, sem que houvesse por parte de quem mandava a coragem de o mandar para a bancada.

A VIDA DESPORTIVA DA MULHER



Esta é uma fotografia que interessa à mulher portuguesa — para que se inspire na actividade destas entusiastas que na Suécia cultivam o «chockey» em campo

A EQUIPA NACIONAL

obteve em Madrid magníficas classificações — Correia Barrento ganhou as provas «Exército» e «Regularidade»



Cap. Correia Barrento

As notícias vindas de Espanha dizem-nos que decorreram com extraordinário interesse as provas do Grande Concurso Hípico Internacional de Madrid, às quais concorreu, em representação da cavalaria portuguesa, uma forte equipa nacional.

Houve este ano vários atractivos sensacionais, o maior dos quais residiu no facto dos nossos representantes se apresentarem de novo em frente dos seus valerosos adversários, que haviam batido nas mais importantes provas do Concurso de Lisboa, dias antes realizado, e utilizando pela primeira vez, além fronteiras, os no-

vos cavalos irlandeses adquiridos em 1943.

O major Ivens Ferraz, chefe da equipa portuguesa, abordado por jornalistas espanhóis à sua chegada a Madrid, afirmou estar-se num período de transição, recolhendo-se ali os resultados provenientes da preferência dada aos cavalos importados da Irlanda e que substituíram as montadas que nos últimos anos levámos a Madrid, com excepção para «Adail», «Xerez», «Paio» e «Raso», em boa forma e já conhecidos do público espanhol.

Podê dizer-se que a actuação da nossa equipa foi notável e que se alcançaram brilhantes êxitos, a demonstrar mais uma vez que não somos inferiores aos apreciadíssimos cavaleiros espanhóis.

Conhecem-se as dificuldades do certame organizado pela Sociedade Hípica Clube del Campo, ao qual concorre a fina flor da cavalaria do país vizinho, bem montada e dentro de uma organização que em tudo lhe é favorável.

Todas as provas, ou quasi todas, são transformadas em competições de velocidade, devido ao reduzido número de saltos e às suas dimensões, em comparação com os de Lisboa, vantagem muito de apreciar para os concorrentes espanhóis, que brilham nos percursos em que se galopa muito.

Os nossos cavalos, na sua maioria menos rápidos, encontram dificuldade na obtenção de primeiros prémios, alguns dos quais se perdem por escassos segundos.

Este ano, no entanto, as vitórias portuguesas começaram a registar-se logo na segunda prova, com a vitória do capitão Correia Barrento, que, montando «Adail» e «Vouga», ganhou a taça «Exército Espanhol».

Dois dias depois, também por intermédio do mesmo cavaleiro, desta vez montando «Paio», a equipa alcançou a segunda vitória, na prova «Regularidade», com 28 obstáculos transpostos sem faltas em 2 m. 45 s. e 4/5, batendo o comandante Garcia, classificado em 2.º lugar só com 15 saltos, o que tornou o triunfo notável.

Na véspera, toda a equipa obteve classificações na «Prova Generalíssima», metendo em prémio todos os seus componentes e todos os cavalos inscritos, com excepção para «Xerez». Várias taças foram conseguidas e 4.200 pesetas em prémios pecuniários avolumaram a verba já alcançada até ali.

No «Grande Prémio», prova difícil, em que os obstáculos subiram em número e em dimensões, ganharam-se oito dos vinte prémios, e todos os nossos cavaleiros apareceram perante o «júri» dentro da classificação. Barrento me-

teu em prémio os seus três cavalos, o mesmo acontecendo a Henrique Calado.

Só estes dois cavaleiros tomaram parte na disputa da taça «Gañadores», porque o regulamento também só permitia a inscrição dos cinco melhores de cada prova realizada. O resultado será conhecido à hora da nossa revista entrar na máquina, pelo que se nos torna impossível fazer-lhe referência.

Será a última em que tomaram parte os nossos cavaleiros.

De salientar ainda as classificações na «Diputación» e na «Caça», onde se obtiveram quatro prémios em cada, com um 3.º e um 4.º, ambos alcançados por Correia Barrento.

A equipa portuguesa teve, pois, em Madrid, meritória actuação, alcançando já 29 classificações, mais 14 do que as conseguidas pelos espanhóis no Concurso de Lisboa, o que se nos afigura magnífico resultado.

Correia Barrento foi, dos nossos representantes, o que mais se distinguiu, conquistando a sua parte 13 prémios, com os dois 1.º a que já nos referimos, e ainda um 3.º, dois 4.º e dois 5.º. Foi extraordinário de regularidade, figurando sempre entre os cinco primeiros de todas as provas.

Seguiu-se-lhe Henrique Calado com sete classificações, entre estas um 3.º e um 4.º lugares. Reimão Nogueira, privado da «Gaza», magoada numa queda, conseguiu, no entanto, seis prémios, e Guedes Campos, sem o «Raso», que adoeceu e só entrou nos dois últimos dias, obteve três classificações.

Das montadas — todas se classificaram em Madrid — a que mais se distinguiu e maior número de prémios obteve foi «Adail» (1.º, 3.º, 4.º, 5.º, 9.º e 20.º). Os irlandeses deram boa conta de si e os mais premiados foram «Zuiri», «Sagres» e «Vouga», este último com um 1.º prémio.

Depois de se evidenciarem na capital espanhola, correspondendo inteiramente à confiança que nêles se depositava, os cavaleiros portugueses seguem para Barcelona, onde, estamos certos, continuarão a alcançar bons êxitos para o hípismo nacional, no decorrer do Concurso que ali se realizará.

ANTAS TEIXEIRA

A MOCIDADE PORTUGUESA

promoveu um Ciclo de Estudos de Educação Física

A necessidade de agitar periodicamente os problemas por cuja solução nos interessamos foi claramente compreendida pela Direcção dos Serviços da Educação Física e Desportos da «Mocidade Portuguesa», a qual anualmente vem completando o programa das suas actividades com a organização própria de qualquer iniciativa tendente à propagação ou à apreciação pedagógica e doutrinária dos assuntos que lhe foram confiados na patriótica obra educativa da nossa juventude.

Assistimos assim, no ano passado, à Campanha Nacional de Educação Física, cujos ecos ainda se não esbateram por completo na lembrança dos interessados e em que colaborou Stadium com uma série de notáveis entrevistas com as individualidades mais em destaque nos meios pedagógicos da educação física e do ensino superior; este ano, outro empreendimento, de moldes diversos mas de não menor projecção, prendeu durante três dias da semana passada todas as atenções: foi o Ciclo de Estudos de Educação Física, dividido em duas secções (educação física e desportos), onde se reuniram os delegados de todas as Direcções de Serviços e Delegações provinciais da «Mocidade Portuguesa», das Direcções Gerais do Ministério da Educação Nacional e ainda de algumas Federações e clubes.

Foram apresentados à apreciação dos delegados 29 trabalhos, versando os mais variados aspectos do problema, e sobre alguns incidiu animada controvérsia, que traduziu, sempre com elevação, o antagonismo já antigo de uma dualidade de métodos que o tempo e a experiência deviam, normalmente, haver já resolvido, a bem da lógica.

As sessões de Ciclo de Estudos foram inauguradas e encerradas pelo Comissário Nacional, senhor dr. Soares Franco, e presididas os trabalhos pelos srs. capitão Celestino Marques Pereira, director dos Serviços de Educação Física da M. P., tenente Alberto Marques Pereira e capitão Campos de Andrade, inspectores, respectivamente, de ginástica e desportos. A sessão do último dia foi dirigida pelo representante da Direcção Geral de Educação Física e Desportos, inspector dr. Salazar Carreira.

As conclusões aprovadas no Ciclo, algumas das quais traduzem o resultado de demoradas apreciações e acceso debate, foram lidas na reunião de encerramento e focam, na generalidade, quasi todos os aspectos do problema formativo da mocidade. Analisando-as atentamente, encontram-se, entre elas, formuladas sem alteração, aspirações que vêm de longe, que já diversos congressos e assembleias apresentaram como corolário dos seus trabalhos de estudo, o que

significará — como muito criteriosamente afirmou o sr. capitão Marques Pereira — que nos problemas de educação física não temos conseguido avançar com a decisão ambicionada.

Alguns dos votos finais dos participantes no Ciclo de Estudos da «Mocidade Portuguesa» transcendem do âmbito restrito da reunião onde foram apreciados para o plano muito mais vasto de autênticos problemas nacionais; mais se valoriza ainda, por esta forma, a acção desenvolvida pelos delegados no seu consciencioso esforço de apreciação, fazendo-o incidir sobre todos os aspectos, mesmo aquêles que se revestem de autênticas características nacionais, da educação física da gente portuguesa durante todo o período da sua formação fisiológica e intelectual. De entre todas as conclusões, são de realçar as que se referem às necessidades de melhoria ou organização das práticas ginástico-desportivas dos alunos das escolas superiores, apresentadas pelo sr. major Jorge Oom, e o plano basilar de aplicação da ginástica e exercícios educativos às crianças das escolas primárias, cujo relator foi o sr. tenente Alberto Marques Pereira.

Conservemos a esperança de que o trabalho meritório deste Ciclo de Estudos tenha a consequência lógica de uma continuidade na apreciação superior dos seus votos, e oxalá possamos ver em breve realizadas, por sua inspiração, as normas que elaboraram os delegados presentes e desassombadamente apontam — pela indicação das necessidades existentes — os males e insuficiências a corrigir.

“TAÇA DE PORTUGAL”

(Continuação da pág. 2)

Porque perdea? — Porque na bola influem muitos factores, e há aqui motivos para fazer um novo apêlo à sorte. É que a sorte do jogo cobriu o campo do Vitória de Setúbal. Mais uma vez, de resto, a 1.ª mão das meias-finais da Taça de Portugal veio demonstrar o seguinte: saber jogar vale muito; mas esse valor diminui grandemente se não houver, a-par de jogo, um pouco de sorte. Ao próprio conceito de jogo anda ligada a ideia de sorte — e igualmente a de azar....



**BENFICA e
VITORIA (S.)**
*favorecidos para a
ultima tirada
da "TAÇA"*



**CAMPEONATO
NACIONAL
DE JUNIORES**



SPORTING-BENFICA : 1 — Ultrapassada de fisco sportinguista — e iludida a vigilância de Manuel Marques — Julio vai rematar o 2.º ponto socorridos; 2 — Fase de verdadeira emoção na grande área do Benfica. Cerqueira antecipa-se a tiro, enquanto F. Ferreira, Albano, Verissimo, Gaspar, Arsénio e Moreira "vivem" o lance; 3 — corrida Rosa desvia a bola do alcance de Fozzuto; 4 — Julio com a sua expressiva máscara, tira um tiro — demasiado por alto. VITÓRIA (S.) OLHANESE : 5 — Abrão defende no seu estádio — Na grande área do Vitoria, num momento em que a bola era disputada com ardor. Observar as atitudes colhidas pela objectiva; 7 — Baptista dominando um remate de Palmeiro, dispõe em corrido. Montez e Cabrita seguem o lance.

"DESAFRONTA"

de Manuel Canelas Júnior
Um livro de polémica

MANUEL Canelas Júnior, cujas relações com o pugilismo, embora venham de data remota, só o tornaram conhecido depois que trouxe a Portugal um grupo de amadores moçambicanos, acaba de publicar um livro de combate e polémica intitulado «Desafronta».

Tanto pela sua extensão e indole como pelo melindre dos factos e sentimentos que nele se expressam, torna-se difícil fazer qualquer apreciação integral e satisfatória do texto. O acto de se tomar, inadvertidamente, partido por uma das partes, faria ingressar o crítico na coorte dos polemistas, podendo inferir-se, até, parcialidade ou preferência excusadas.

Por esse motivo, somos forçados a apresentar, apenas, um ligeiro estudo dos assuntos que se debatem em «Desafronta», extraíndo conclusões de utilidade para os leitores e para o pugilismo nacional.

É evidente que Manuel Canelas e Beni Levi constituíram um binário, ou *landem*, funcionando harmónicamente até ao dia em que o boxeador deixou de acumular triunfos. Mas a vida dos pugilistas não é compatível em toda a espécie de excessos e desacertos. Por certo que Levi não se guiou sempre pelos conselhos do seu amigo e protector Manuel Canelas e os resultados de tal procedimento são hoje bem patentes...

A posição dos restantes componentes do agrupamento só pode ser bem apreciada por quem conheça a mentalidade dos indígenas africanos.

Foi um erro de psicologia ter trazido Wilson e Xangai, bruscamente, de um meio para outro onde, por infeliz circunstância, se cotam por igual um branco de mentalidade elevada e um preto em transe de transformação, um assimilado», em suma.

A breve trecho, a indisciplina e a ambição deles veio transtornar os planos e os cuidados de Canelas e daí o retorno dos africanos ao lar (de onde não deviam ter saído...).

Somos dos que pugnam intransigentemente pelo apuramento da cultura, das maneiras, da indole e do carácter dos jogadores de boxe. Individuos de baixa condição moral ou de insuficiente progresso mental são bons para lançar à margem...

A nossa maneira de encarar os dados do problema não deve ferir a sensibilidade do leitor. É fruto de experiência larga.

Há ainda no livro de Canelas o aspecto comercial do «seu caso». É o ponto nevrálgico da obra. A expressão, muito popularizada, de que *desembarcou*, aplica-se com terrível verdade e eficiência ao técnico do Clube Ferroviário. Apesar disso, os lucros de 135 mil escudos, arrecadados, e indicados a páginas 206 do seu livro, constituem uma óptima receita para ano e meio de trabalho efectivo!

Mesmo assim é crível que Manuel Canelas, tendo falhado como orientador comercial por falta de experiência (que idéia peregrina,

alimentar os pupilos à sua custa!) e excessiva confiança com amigos pouco sólidos, se tenha prejudicado altamente e comprometido os seus haveres pessoais.

O livro «Desafronta» ficará como um desabafo enérgico e uma justificação de alguns actos mal conhecidos e mal interpretados pelo público. Nós estamos convencidos de que Levi foi, comercialmente, mal governado por Canelas, isto é, que o *manager* não tirou o partido possível do trunfo que tinha nas mãos. Também nos parece que o *binário* funcionou e gastou demasiado à larga, sem olhar ao futuro e esquecendo a fábula da cigarra e da formiga... Tudo isso não justifica, porém, o pormenor escandaloso com que certas passagens do livro são expressas, nem o ataque cerrado aos empresários, com os quais, afinal, sempre fez contratos de certa importância e rendimento pecuniário.

Em resumo, Manuel Canelas pretende desvendar em pormenor toda a sua actividade como *manager* — e julgamos tê-lo feito com verdade e sinceridade ainda que, por vezes, com alguma paixão. A honestidade dos seus processos, sobretudo nas relações com os adversários de Levi, foi sempre máxima — facto importante — e o campeão português ganhou os combates devido aos seus méritos e nunca por *chiqué*.

Eis um acontecimento que convém assinalar.

R. B.

RECORDAÇÕES

AMÉRICO PACHECO desportista nortenho

jogou uma vez pelo Vie au Grand Air du Médoc...

POUCOS se lembrarão do caso. Mas na capitól do Norte ainda há velhos do futebol que o recordam, principalmente quando é oportuno apreciar qualidades de bons desportistas — coisa que é preciso ter sempre em linha de conta...

Não sabemos se algum dos leitores se lembra de Américo Pacheco. Mas apresentamo-lo: Américo Pacheco, 55 anos de idade, ainda jogador de *hockey* em campo na reserva do Leixões S. C., antigo membro do conselho técnico da A. F. do Pôrto, presidente da mesma Associação, antigo jogador do 1.º *team* de futebol do seu velho clube e da Associação do Pôrto, «tenista» dos mais categorizados do Norte, etc.

Pois há anos, quando categorizado jogador de futebol, exibiu-se em Portugal, no Pôrto, pelo grupo de honra do Vie au Grand Air du Médoc, vindo de França para enfrentar alguns grupos de Lisboa e também o campeão do Norte.

Por perlenço ao *team* francês? Não. Apenas por empréstimo...

Isto deu-se quando entre desportistas reinava a melhor harmonia, quando se praticava futebol por emadorismo. Presidia ao Futebol Clube do Pôrto o dr. Guilherme Pacheco, hoje director do «Jornal

O TORNEIO INTER-CLUBES à margem dos resultados

OV Campeonato de Lisboa, inter-clubes, atingiu a fase culminante que antecede as derradeiras jornadas — as das grandes decisões. Incontestavelmente, é o torneio que mais entusiasmo despertou em todas as camadas do meio xadrezístico da capital. A semana que o antecedeu foi de grande actividade para os organizadores das equipas, empenhados em «pescar» os melhores elementos ainda livres de compromissos... O torneio veio fornecer novas surpresas em matéria de transferências.

Na lista que publicamos a seguir podem verificar-se as dissidências, assim como as alterações efectuadas na disposição dos *tableaus*. A ordem das equipas é a das classificações obtidas no ano passado, e a dos jogadores é a das respectivas mesas: G. X. do Estoril: Moura, Machado, Silley e Nandin (ex-Técnico); supl: Neves (ex-Técnico) e Reis (estreadante). Belenenses: Lupi (3.º), Ribeiro (1.º), Braumann (2.º) e Ramos; Cruz e J. Costa (ambos da I. N.). Benfica: C. Pires, Russell, A. M. Pires e Nascimento; Dias (ex-I. N.) e Ventura. Clube dos Caçadores: R. Silva, Esteves (3.º), Antunes (4.º) e Galhardo (ex-Paladium); P. Costa e Alcáide (estr.). I. S. Técnico: Freitas (4.º), Serra (3.º), Faisca (2.º) e Carneiro; Castro e Melo e Quaresma (todos estr.). Hockey Clube: Dôres (ex-Sacor), Lasvignes (ex-Estoril)

Vinagre (1.º) e V. Santos (2.º); Mesquita (3.º) e Cesar (4.º). Paladium: Rocha (ex-Barreiro), Sousa Dias, Caldeira e Castro; Baltasar e Lima (todos estr.). Inst. Britânico: Anderson, Brito (3.º), Summers (2.º) e Osório (supl); Maia e Downes (estr.).

Depreende-se, da constituição do elenco, que mais uma vez a luta será travada, para o 1.º lugar, entre os três «grandes»: Estoril, Belenenses e Benfica. São justamente as equipas que menor número de substituições apresentaram — e as únicas que contam com o concurso de Mestres.

G. X. do Estoril é a nova denominação da equipa da Costa do Sol, detentora da taça. O ingresso de Nandin, campeão da categoria de honra, é mais um trunfo nos estorilenses — que batem um curioso recorde: subiu agora a 20 o número de jogadores que o representaram já nas cinco edições da prova. Note-se que só 12 foram efectivos; os restantes limitaram o seu concurso a uma ou outra partida, como suplentes. E alguma coisa resultou desse sistema: em 1940 foi 4.º classificado, 3.º em 1941 e 43, e 1.º em 1944.

O Belenenses parece disposto a arrebatar o troféu ao G. X. Estoril — e com legítimas aspirações. A unidade da equipa será o seu maior trunfo, se for possível mantê-la. Há a lição do ano passado...

O Benfica é também partidário do sistema «conservador». A tradicional dedicação clubista de que os «encarnados» se orgulham prova-se uma vez mais: o Benfica, concorrente desde o 1.º ano (campeão em 1940, 2.º em 1941, novamente campeão em 1943 e 3.º em 1944), só recorreu ainda a 9 jogadores (2 suplentes) na representação das suas cores.

Em valor e homogeneidade seguem-se três equipas rivais — Caçadores, Técnico e Hockey — constituídas por jogadores de 1.ª categoria e honra. Os primeiros têm levado a melhor, mas tanto os estudantes como os «hockeístas» apresentam-se decididos a modificarem o panorama...

Os restantes — I. Britânico e Paladium — apresentam-se algo desfalecidos, principalmente o último, cujo elenco sofreu total remodelação. É provável que a luta para a fuga ao último lugar seja travada entre estas equipas — que, aliás, em brío e combatividade não ficam diminuídas perante as mais cotadas...

Pena é que não haja um troféu qualquer a premiar o esforço dos chamados «fracos» — que decerto nunca poderão aspirar à honra de serem primeiros entre os primeiros. Um «Prémio de Mérito» a disputar, por exemplo, entre as equipas que não contam com o concurso dos Mestres — a «sombra negra» que lhes faz duplicar a força!... — seria um estímulo que muito contribuiria para a valorização desta magnífica prova. Aqui fica a sugestão...

VASCO SANTOS

R. T.

ASSINE A «STADIUM»

ASSIM NÃO!

NEM sempre é fácil formular a apreciação exacta, mesmo meramente objectiva, dos acontecimentos. Por maior independência de espírito que queiramos manter, a paixão de instinto intervém infalivelmente na forma pessoal de considerar os factos. Neste caso da crise gravíssima e inesperada que embaraça no momento a actividade do atletismo português, procuraremos ouvir apenas as reflexões da consciência e os conselhos da justa apreciação, arredando os impulsos, possivelmente deformadores, da revolta contra certas atitudes e maneiras de proceder.

A temporada de atletismo tem decorrido sem o entusiasmo e a colaboração do público, que em épocas anteriores tanto haviam contribuído para o êxito e melhoria das organizações. A causa determinante deste parcial alheamento é apenas uma: o prolongamento da actividade futebolística além do limite fixado pelas disposições oficiais.

Tomando em consideração o fecho da temporada futebolística em fim de maio, os organismos dirigentes do atletismo nacional e regional estabeleceram os seus calendários e assumiram os seus compromissos, alguns da maior responsabilidade, porque se referem a competições internacionais. Por circunstâncias que superiores necessidades determinaram, houve a força obrigatória de prolelar por mais um mês o período de livre prática do futebol; teve de ser assim, doesse a quem doesse, e a primeira, o mais atingida vítima, foi o atletismo, cujas eventuais receitas se evaporaram, na iminência de tornar insolúvel o problema das responsabilidades — aceites à base das condições normais — dos encontros Lisboa-Madrid e Espanha-Portugal.

Procuraram os dirigentes do atletismo lisboeta resolver a sua embaraçosa situação, diligenciando um acordo com os poderes futebolísticos de forma a, sem prejuízo para ninguém, assegurarem os meios financeiros que certamente aufeririam sem a intempestiva intrusão do futebol pela época que lhe não pertence.

Pelas informações que conseguimos reunir, encontraram por parte da Federação Portuguesa de Futebol o mais animador acolhimento e tudo ficaria resolvido com o assentimento dos clubes participantes na meia-final da «Taça», a disputar em Lisboa, em 17 e 24 de Junho — que, voltamos a insistir, a Associação de Atletismo de Lisboa estava no legítimo direito de considerar como datas de sua preferente preferência.

Sucedeu, porém, o contrário. Não se chegou a acordo sobre percentagens; os clubes quiseram para eles a sobrelaxa que a Federação se dispunha a conceder à Associação e este organismo viu-se forçado a adiar os seus campeonatos.

Quais foram as colectividades que se opuseram ao projecto de Sporting e Benfica.

Quais são as colectividades especialmente interessadas nos campeonatos de atletismo, para cuja competição trabalham com sacrifício durante o ano inteiro de Sporting e Benfica...

Confessamos não perceber. É paradoxal!

Uma conclusão se apresenta, desde logo: a suprema autoridade desportiva, que tão grande empenho tem demonstrado pelo progresso e expansão das modalidades desportivas chamadas pobres, em especial pelo atletismo, não deve consentir, a pretexto algum, no futuro, que o futebol ultrapasse os limites do tempo legal de existência activa, ofogando tudo e todos com as suas exigências inconsiderantes.

Não queremos discutir factos nem apreciar procedimentos; parece-nos preferível apontá-los, apenas, e medir depois as consequências.

O que pensarão os atletas que durante tantos meses do ano treinaram com devoção para representar condignamente o seu clube nos campeonatos oficiais, sem auferir nenhum dos benefícios materiais que acumulam os seus camaradas do futebol, continuamente sacrificados nas suas elementares necessidades às conveniências dos jogadores da bola? O que pensarão esses atletas do procedimento adoptado no caso presente pelos seus respectivos dirigentes clubistas?

Pensarão as massas associativas da mesma forma que os seus representantes eleitos?

E gastaram-se, para isto, tantos anos de propagação e de esforços...

Os Regionais de Seniores começam esta tarde

REMOVIDAS certas dificuldades e depois de haverem conferenciado os dirigentes da Associação com o sr. Director Geral de Desportos, começam hoje, às 18,30 horas, os Campeonatos Regionais de Seniores.

O torneio foi dividido em três jornadas, concluindo no sábado e domingo próximos, com exclusão das provas de 10000 m. e estafetas 4x200 m., 4x800 m. e 4x1500 m. que, por não fazerem parte do programa do Lisboa-Madrid, serão posteriormente disputadas.

O sr. tenente-coronel Sacramento Monteiro, satisfeito com o pedido

que lhe foi apresentado pela Associação, concedeu-lhe as datas de 30 de junho e 1 de julho para o encontro entre as duas capitais ibéricas, determinando que nesses dias não seja permitida a organização de quaisquer jogos de futebol oficiais ou particulares, ou organizações de outras modalidades, que possam prejudicar a celebração do Lisboa-Madrid.

O programa da jornada de hoje ficou assim elaborado: El. 400 m.; tentativa de «record» de 150 m. juniores, pedida pelo Sporting; El. 150 m. (Senhores); martelo; 5000 m.; altura (Senh.); final de 400 m.; f. de

A «IV Semana da Natação» decorreu com brilhantismo

A Federação Portuguesa de Natação voltou a organizar a «Semana da Natação», que remonta a 1937 e que este ano teve a sua quarta edição. É das mais interessantes iniciativas dos actuais federativos, visando à propagação da bela e salutar modalidade — que tão propagandeada merece ser. A reedição deste ano não deve ter sido estranha a sugestão lançada nestas colunas, após o encerramento da temporada de 1944, em que expúnhamos a necessidade de novamente voltar a organizar-se a «Semana», dado o pouco interesse que o público continua a mostrar pela natação.

Assim, durante a semana finda, a natação esteve na ordem do dia, mesmo apesar de se terem realizado outras importantes manifestações desportivas.

A propagação pelo exemplo, juntou-se a propagação pela palavra. Organizaram-se festivais, demonstrações, palestras e uma sessão solene.

Agitou-se o meio da melhor maneira. De tudo isto, o balanço foi francamente positivo.

O festival de homenagem à Imprensa

A «Semana» abriu com o festival de homenagem à Imprensa. É o agradecimento anual da Federação aos periódicos que andam mais directamente ligados à propagação da modalidade.

Compareceu cerca de uma centena de nadadores. E muito embora não se registasse resultados famosos, houve provas bem disputadas e alguns resultados regulares.

Entre os iniciados, o esperançoso Guilherme Patrone mais uma vez esteve em evidência, com duas belas vitórias nos 33 metros-costas (22,3 s.) e nos 33 metros-livres (18,2 s.). Nos 33 metros-bruços, Armando Rodrigues (23,5 s.) afirmou superioridade em relação ao estorilense José Figueiredo (25 s.). Em iniciados, portanto, triunfo absoluto do Algés e Dafundo.

Em principiantes, duas vitórias de Jeremias Simão: nos 66 metros-livres (41,4 s.) e nos 66 metros-costas (52,5 s.). Em ambas as provas impôs o seu valor — incontestavelmente.

Nos 66 metros-bruços, Alfredo Janardo, que continua a demonstrar boas aptidões para a especialidade, triunfou — e bem — em 53 s. Temos, pois, nesta categoria, duas vitórias do Estoril-Praia e uma do Algés.

Em juniores, superioridade total do Estoril-Praia. Nos 100 me-

150 m. (Senh.); tripo; peso (Senh.); 4x100 m.

Provas para sábado: El. 400 m. barreiras; El. 80 m. barreiras (Senh.); El. 100 m.; vara; dardo (Senh.); 1500 m.; comprimento (Senh.); f. 100 m.; dardo; f. 80 m. barreiras (Senh.); f. 400 m. barreiras.

Provas para domingo: El. 110 m. barreiras; El. 200 m.; peso; El. 60 m. (Senh.); altura; 800 m.; disco (Senh.); f. 200 m.; disco; f. 60 m. (Senh.); f. 110 m. barreiras; comprimento; 3000 m. *sleeple*; e 4x400 m.

tros-bruços, Mendes Silva e Azevedo Júlio obtiveram as melhores posições, em 1 m. 26,8 s. e 1 m. 27,5 s., respectivamente. Nos 100 metros-costas, nova vitória de Mendes Silva, em 1 m. 22,8 s. Francisco Salgado venceu os 100 metros-livres, num «tempo» regular: 1 m. 9,9 s.

Na estafeta mista de estilos, a turma do Algés (Patrone, Janardo e H. A. Santos) triunfou com toda a nitidez da formação do Estoril-Praia (Figueiredo, Câmara e Sousa e Belmiro). «Tempos»: 2 m. 29,6 s. e 2 m. 32,2 s.

O conjunto dá, portanto, em dez provas disputadas, cinco vitórias do Algés e cinco do Estoril. Houve, pois, equilíbrio...

A completar o programa, disputaram-se mais oito provas. E, caso curioso, houve também equilíbrio de forças, pois verificaram-se quatro vitórias para cada lado.

Hetty Heyman, Lucélia Angeja, Maria de Lourdes Teixeira Mendes e Maria Eduarda Ferreira estiveram em evidência.

Três palestras radiofónicas

Podem dizer-se que na quasi totalidade das estações emissoras de Lisboa e Porto se radiodifundiram palestras de propagação da natação, visando especialmente a expansão da bela modalidade como exercício físico, fundamentalmente higiénico, útil e salutar, focando ainda a natação pelo seu lado desportivo e, até, pelo seu lado humanitário.

Galardoando campeões

A Federação resolveu incluir, também, na «IV Semana da Natação», a sessão solene para entrega dos prémios aos campeões de 1943 e 1944, que se fez na passada sexta-feira, na sede do Ateneu Comercial de Lisboa.

São sempre interessantes estas cerimónias. Revestem-se de um aspecto de justiça — recompensa e esforço e a dedicação dos atletas — que agrada por em relêvo. Pelo salão do Ateneu, desfilaram, na sexta-feira, as figuras de primeiro plano na nossa natação. E o público, correspondendo à iniciativa, não lhes regateou aplausos.

As visitas ao parque do C. N. Natação e o festival do S. A. Dafundo

Interessante, pelo que teve de inédita e de feliz, a ideia de levar ao parque desportivo do Clube Nacional de Natação, na rua de S. Bento, as equipas do Algés e Dafundo e do Estoril-Praia. Com as escolas em plena laboração, os rapazes do Nacional só devem ter aproveitado com as visitas. Por isso advogamos a sua repetição, sempre que seja possível. Só podem trazer benefícios.

A «Semana», que deixamos registada nas suas linhas gerais, encerrou-se, no domingo, com um festival já incluído nas festas de aniversário do Algés e Dafundo. A ele nos referiremos, em crónica especialmente dedicada aos trinta anos da progressiva e benemérita agremiação.



GRANDOLA: 1—A equipa do Sport Clube Grand-lense; PORTO: 2—O «team» das Oficinas de S. José, campeão da Divisão do Douro Litoral da M. P. VENDAS NOVAS: 3—M. P. Matos, M. S. Lopes, V. M. Nunes e J. S. B. Costa, filiados da M. P. (centro extra escolar n.º 1 da Ala S), que conquistaram o campeonato nacional de tiro desportivo da «Município». VISEU: 4—A equipa de juniores do Académico de Viseu, campeões distritais. MOURISCA DO VOUGA: 5—O grupo do União Mourisqueense, que tem obtido bons resultados na região. FONTELA: 6—A equipa do Grupo Desportivo os «Vidreiros». JOGADORES POPULARES NA PROVINCIA: 7, 8 e 9: Cardoso Pires, Martins Rana e Francisco Santos, respectivamente defesa esquerda, médio centro e médio direito do Sport Lisbon e Elvas; 10—Manuel Artias (Reynolds), que se despediu da vida futebolística, no Sporting da Covilhã, depois de dez anos no «team» de honra dos «leões»; 11—Mario Granjeira, avançado centro do Sport Mamarrosa e Benfca, considerado dos melhores promocionários da Aveiro; 12—José de Araújo, defesa do Desportivo Feirense, que representa este clube há dez anos; 13—João Pacheco, «keeper» do grupo da Fábrica da Vista Alegre; 14—Manuel Vitor, excelente médio centro do Desportivo Arrifanense.



«STADIUM» continua a ter o maior interesse em arquivar todos os acontecimentos desportivos de maior relevo no continente, ilhas e África, através de fotografias sugestivas. Convidamos os nossos leitores a enviarem-nos boas provas fotográficas dos assuntos que desejaríamos ver publicados.



A semana ATRAVÉS DA OBJECTIVA



CAMPEONATOS MILITARES: 1 e 2 — As equipas finalistas dos torneios de «handball» e futebol, ganha respectivamente por Defesa Anti-Aérea e Cavalaria 2. EDUCAÇÃO FISICA: 3 — O capitão Marques Pereira lendo a magnífica palestra que proferiu na Sociedade de Geografia. BASKETBALL: 4 — O dr. Octávio de Brito, presidente de «Os Belenenses», discursa na festa de homenagem aos campeões nacionais de «Basket». ESRIMA: 5 — Os esgrimistas que disputaram a taça «Mestre Magalhães», na sala de armas do Hockey Club, torneio integrado nas comemorações do aniversário desta colectividade. A vitória coube a Fernando Pereira. VEILA: 6 — Os velejadores que receberam prêmios relativos às provas organizadas pelo Club-Nautico de Portugal. GIMNÁSTICA: 7 — Os gimnastas que se exibiram no sarrau para encerramento das classes do



Gimnásio Clube Português. BOXE AMADOR: 8 — Grupo dos vencedores dos Campeonatos Regionais do Sul. SEMANA DA NATAÇÃO: 9 — Os nadadores que receberam prémios da F. P. N., na sessão celebrada no Ateneu Comercial.



Os portuenses

nos «nacionais»
de juniores

PARA quem conhece a situação actual do atletismo nortenho, não deve ter causado espanto a classificação que os seus representantes conseguiram nos campeonatos nacionais de juniores, em que a maioria dos títulos coube aos lisboetas. Isto quer dizer que o Norte ainda não se encontra à altura de lutar de «igual para igual» com o Sul. Mas é lógico que assim seja: enquanto na última região a actividade atlética não sofreu qualquer quebra, entre nós existiu uma «crise» profunda, de que naturalmente ainda se sentem os efeitos.

Encontramo-nos por isso num período de transição, e só depois de ele passado será possível colher os resultados do bom trabalho que se está a realizar, quer nos clubes, quer na associação regional.

Contudo, há que reconhecer, dentro da justiça, que em certos pormenores nos impusemos de maneira notável. Os nossos concorrentes, por exemplo, demonstraram noção técnica superior à dos lisboetas, sobretudo na especialidade dos lançamentos. Embora pouco afortunados (caso do disco), e sem fornecerem em resultados a medida exacta do valor que possuem, os portuenses deram claramente a perceber que têm trabalhado e que podem aspirar a risonho futuro.

Evidentemente que em atletismo os «campeões» não aparecem de uma época para a outra. Há que dar tempo ao desenvolvimento das qualidades naturais do indivíduo e à assimilação da técnica. Com calma e ponderação se conseguirá o que se deseja...

Além disso, o facto da Federação determinar que os concorrentes aos «nacionais» de juniores ficassem presos à categoria, independentemente da sua classificação, levou os clubes a acutelar os interesses dos seus atletas — em especial os dos mais jovens, cuja presença por mais uma temporada na categoria inferior era de aconselhar.

Resumindo: o atletismo portuense não ficou mal situado perante o confronto com o lisboeta, dadas as circunstâncias que apontamos.

Aguarde-se com serenidade o progresso de uma centena de jovens cheios de habilidade, que por agora não seria conveniente apresentar na pista do Lima, e veremos então se soubemos ou não sair da «crise» tremenda que durante três épocas nos fustigou.

Quanto à organização técnica e

Stadium

na Capital do Norte

HANDBALL

Mais equilíbrio — Confiança demasiada — Honestidade — Protestos

A derrota dos favoritos na penúltima jornada favoreceu enormemente o valor do torneio maior. Elas proporcionaram mais equilíbrio na classificação geral, o que representa automaticamente maior interesse.

Assim, surge a incógnita do vencedor, de onde se conclui que qualquer dos quatro pode conquistar o título.

Embora, antes do 10-11, o F. C. do Pôrto fôsse considerado o favorito indiscutível, com a jornada passada os campeões sofreram uma sensível quebra de coacção. Mantêm-se ainda na frente — e é de admitir que renovem o feito das épocas anteriores — mas é preciso contar com o valor dos outros concorrentes, que se espreitam mutuamente, à espera de um desliz que possa trazer-lhes vantagem.

Os locais não contavam com a brilhante exibição do Sporting: anteviam vitória fácil, já pelo seu resultado em Lisboa, já pelo triunfo dos segundos portuenses frente dos «leões».

Isto deu o inesperado: o grupo lisboense atacou decididamente, logrando os primeiros pontos. Depois, ante uma primorosa 1.ª parte, que agradou em cheio, o Sporting pretendeu acutelar o resultado. Passou ainda o mau bocado do equilíbrio, a poucos minutos do fim, mas o jogo resolvera-se pelos visitantes.

Foram momentos hercúleos para os rapazes da equipa azul e branca o resgate de 4 bolas, à 2.ª parte, e o trabalho de nove elementos numa altura tão crítica. Esse esforço constituiu uma bela página de desporto na história do «handball» no F. C. Pôrto.

Américo Graça teve uma actual-

ização material nela empregado, diremos apenas que a A. P. A. informou previamente a Federação do estado do material — o mesmo da época passada — e que as deficiências de organização são simplesmente da Federação, entidade que já desloca até nós quatro dirigentes, que ocuparam os cargos de maior responsabilidade.

E ficamos por aqui...

EDUARDO SOARES

LUIZ MARCOLINO

De oito em oito dias

A radiotelefonía
ao serviço do desporto

Mário Afonso, nosso camarada na capital do Norte, recomeçou, ao microfone do emissor O. R. S. E. C., o programa que criara, há alguns anos, com o falecido dirigente desportista e activo propulsor dos desportos, tenente Manuel dos Santos, no mesmo emissor, com o título genérico de «Dez minutos de propaganda desportiva».

Na sua primeira palestra, o nosso redactor nortenho referiu-se pormenorizadamente à acção desenvolvida, por Manuel dos Santos, na propaganda e desenvolvimento das diversas modalidades desportivas no Pôrto, tendo delineado o seu novo programa, que irá para o ar todas as sextas-feiras, às 20 horas.

Sabemos que é intenção do nosso camarada radiodifundir palestras, entrevistas e notas diversas sobre os acontecimentos desportivos nacionais e de além fronteiras, quer pela apresentação directa dos conferentes, quer pela leitura de artigos solicitados a «convidados de honra».

Segundo as nossas informações, uma das primeiras pessoas a ser apresentada, neste programa, ao microfone da O. R. S. E. C., é o sr. Alberto de Brito, prestigioso presidente da Associação de Futebol do Pôrto.

Será mais um contributo que Stadium dá, na capital do Norte, para o desenvolvimento e propaganda do desporto, através da acção do nosso colaborador Mário Afonso.

Ecos do Pôrto-Real Madrid

Embora sem carácter oficial, sabemos que a receita do encontro realizado entre entre o F. C. do Pôrto e o Real Madrid ficou muito aquém do que se esperava. Segundo nos dizem os números apurados — que publicamos sem compromisso — a despesa orçou por 112 contos e a receita não ultrapassou a casa dos 150. Muito pouco para o trabalho e cansaças despendidas, se levarmos em linha de conta que os associados do clube organizador pagaram a sua entrada.

Final é Sanfins!...

Houve muitas pessoas que pretenderam ver no centro avançado do F. C. do Pôrto, no seu jogo com o Real Madrid, a personalidade escondida de um jogador qualquer, que não vem para o caso. E, por isso, o seu nome saiu truncado, isto é, muito outro daquele que deveria ser... Houve também quem pretendesse corroborar essa dúvida com o facto de Sanfins ser o nome de um lugar aqui perto, no Douro. Afinal, ao que parece, o rapaz, que se revelou hábil para o lugar, é Sanfins, de facto... e de «baptismo»...

Pouca sorte...

Sendo o clube que pratica o «basketball» mais vistoso e atraente em todo o país, o Vasco da Gama não conseguiu arrancar o almejado título de campeão nacional. Há em todos os concursos



As alunas de M.^{me} Tamegão — Uma professora de educação física que tem marcado lugar de relevo no Pôrto

(Continuação da página 5)

apesar do bom trabalho de Larzen, ao estômago e flancos, no in-fighting, lhe dar domínio pontual nos últimos assaltos.

O pugilista espanhol tem direito a uma desforra. Bem guardado à direita e muito móbil, atrapalhou Larzen desde o início. Ao aplicar o hook da esquerda, sempre largo e anunciado, descontrola-se ligeiramente e abre a linha esquerda baixa.

O moçambicano reconheceu que o método preferível seria manter-se na defensiva, esquivar ou bloquear os ataques, para bater a meia-distância. O processo serviu-lhe — e foi dominado passou a dominador, a luta foi muito igual e as nossas preferências iam para o combate nulo.

Jordão França fez um trabalho sóbrio e calmo, dos que não é costume ver sempre. A decisão, ainda que irregular, admitte-se sem grande escândalo.

Quando Lopez parece não ter força nem variedade de golpes. Empenhou-se a lançar a «esquerda» em hook, com monotonia, e por não modificar os seus ataques perdeu o domínio do combate.

Larzen foi cauteloso e inteligente, ainda que pouco vistoso, mas o seu comportamento agradou.

O combate anterior, disputado por Kid Adriano e António de Figueiredo, foi uma farsa. Adriano, recesso do poder físico do adversário, simulou primeiro um golpe baixo ou uma cabeçada ao estômago, para depois se recusar a prosseguir o combate.

As razões da sua desistência não foram aprovadas pelo médico e assim desclassificado, estando pendente maior punição, e a importância da bolsa ficou depositada em D. G. de Desportos.

Walter Pressler arbitrou regularmente mas devia ter sido mais enérgico na repressão das faltas de Figueiredo. Este pugilista não nos satisfez e julgamos que ao público também não.

O combate de Jesús Gomez (Melones) contra Sousa 2.º dará pouco menos de três assaltos. O espanhol, cuja constituição física havia causado algumas reservas ao ser inspeccionado, foi amplamente dominado pelo jovem jogador. Sucessivamente, abriram-se-lhe brechas na cara e nos sobrolhos, sagrando a cada golpe que levava. Por outro lado, o domínio técnico de Sousa era tão flagrante, após dois assaltos, que seria cruel permitir a continuação da tourada.

Só um golpe ocasional poderia virar do avesso a situação, mas considerações desta natureza, quando outros motivos mais nobres se desaconselham, não têm lugar nas provas desportivas.

Aulizio, se no seu entender o pugilista espanhol estava francamente inferiorizado (como nós o pensamos e o médico assim o julgou depois), parou o combate a tempo.

O público deve habituar-se à ideia de que as carnificinas e as sangrias não se identificam com o pugilismo, pelo decore e respeito que devemos a nós próprios. Quem discordar e for irredutível nos seus sentimentos carece de ideias humanitárias.

A abrir a sessão combateram Alfredo de Oliveira e António Mateus. Após seis assaltos vitórias nos dois primeiros, que a princípio foram favoráveis a Oliveira e depois a Mateus, o árbitro decidiu por um empate, com acerto e lógica.

Resumindo: excelente aparição de Levi, bom combate de Larzen e grandes progressos de Sousa 2.º. O restante não esteve à altura dos acontecimentos, exceptuando, é claro, Hita e Lopez, que não é necessário nomear.

Como espectáculo, aceitável, e como organização algumas deficiências, principalmente no capítulo de presença da autoridade policial, que é necessária, para refrear o ânimo dos facciosos e turbulentos.

um pequeno «nada», um «grão de areia» que aparece, como que de propósito, para que o Vasco tropece...

Esta feita, foi com um clube do Norte — o Guiões. E, entretanto, por causa deste «atrito» o Vasco ficou prejudicado, num caso em que a responsabilidade, se é que existe, não lhe toca em mais nada que seja perder um título a que tinha justo direito.

Quando será que estes pequenos «nadas» desaparecerão da vida das nossas modalidades desportivas, permitindo-lhes a prática e a cultura do desporto dentro das definições exigidas pela rigidez dos princípios ortodoxos — está bem? — do desporto?

O G. D. da CUF

conquistou o campeonato nacional da 2.ª Divisão

O Grupo Desportivo da «Cuf», que teve dificuldade em se classificar finalista — veio a conquistar o título nacional da 2.ª Divisão com certo «à vontade». Na capital do Norte, tendo por adversário o conjunto do F. C. do Porto, a equipa lisboeta obteve resultado confortável, 57-26, e a sua superioridade foi tão clara que nem os adversários a puderam contestar.

Entretanto, em Lisboa, principiava a disputar-se a «Taça de Honra». E deu-se uma surpresa: o Algés e Dafundo ganhou ao S. L. e Benfica, por 52-30. Também o conjunto de Algés revelou superioridade, enquanto que o Benfica deu mostras de abatimento físico. Perdeu por isso mesmo.

No mesmo programa de sábado, o Campo de Ourique venceu o Ateneu, por 41-33. Este resultado contava para a «Taça Imprensa» — homenagem da Federação aos jornais portugueses.

E continuam as provas de valorização do «basketball» português. Concluídos os dois campeonatos nacionais — restam agora três torneios: «Taça Imprensa», «Taça de Honra» e campeonato nacional de juniores.

Vê-se que a modalidade está bem dirigida e em franco progresso. Lamente-se apenas que não possa alargar a sua acção «internacional».

Agora fala-se, porém, em jogos contra a Espanha ou contra equipas espanholas, em Badajoz. Já nos fizemos eco da notícia e oxalá assim aconteça.

PUGILISMO AMADOR

(Continuação da página 6)

vesse sido dada a decisão a Correia não teria havido nenhuma injustiça!

Nos meios-pesados ganhou Licínio de Sena (Gimnásio), sem competidor.

Os campeonatos Regionais (Sul) de 1945 foram pouco brilhantes. As decisões dos júris pareceram-nos, nalguns casos, bastante fantasistas e inexplicáveis, de tal modo que nem todos os pugilistas vitoriosos mereceram o resultado.

ATLETISMO NORTENHO O PORTO-GALIZA

marcado para 25 e 26 de Agosto

Decorrem no ambiente mais favorável as negociações para a realização, em Vigo, de um encontro entre as equipas do Porto e da Galiza, que vão assim reatar relações há muito interrompidas. Em princípio — e só dependente da necessária autorização superior — ficou estabelecido que o encontro tenha lugar nos dias 25 e 26 de Agosto.

Por sua vez, a A. P. A. vai dar plenos poderes ao nosso camarada Eduardo Soares — seleccionador da sua equipa representativa — para iniciar, logo após os campeonatos regionais, os treinos de selecção e de aperfeiçoamento que entende necessários.

HANDBALL

Os juniores do Sporting são campeões Qual será o campeão nacional?

TERMINOU no domingo o segundo campeonato regional de juniores, cuja prova decorreu de maneira insuperável, ao ponto de merecer a classificação de melhor torneio da temporada. Pena foi que os críticos da especialidade, com toda a sua atenção fixada na luta pelo campeonato nacional dos «crescidos», não dessem à actividade dos «pequenos» o realce e o carinho que eles mereceram.

Dos seis competidores destacase o Sporting, cujas apresentações foram sempre vitoriosas e que termina a corrida nitidamente destacado do pelotão, com o melhor de nove pontos pontos de avanço sobre os imediatos; mas entre estes a luta foi acesa, acabando o Belenenses e o Marvilense em igualdade, com um ponto apenas mais do que a «Cuf».

O Benfica, apesar de classificado em quinto lugar, é digno de ser associado aos componentes do grupo mediário, porque muito se lhes aproximava em valor. O Atlético, recém-vindo na modalidade, completa o lote, onde desempenhou sem desprimor o seu papel.

Os jogos entre juniores foram em regra muito agradáveis de seguir, porque os jogadores — mais ágeis do que fortes — provaram excelente sentido da mecânica do «handball», preferindo os passes ao trabalho pessoal, evitando o choque e fugindo à prisão. As características dominantes destes grupos foram, tanto quanto no-lo permitem afirmar os encontros a que assistimos, o dinamismo permanente, a desmarcação antecipada e o engodo pela baliza.

Deve dizer-se desassombadamente que vimos jogar neste torneio os futuros «ases» da modalidade, entre os quais alguns podiam já alinhar em nível superior sem desmerecer e ainda que outras razões não houvesse. Bastaria este

trabalho de preparação para valer à iniciativa da prova os melhores elogios e incondicionais felicitações a quantos nela colaboraram.

Só no domingo, últimos jornada da prova, saberemos qual será o clube campeão nacional de «handball», com a possibilidade ainda de permanecer a dúvida.

À beira dos jogos finais, a posição dos contendores é a seguinte: Porto, 12 p., faltando-lhe de frente o Vigorosa; Sporting, 10 p., com a «Cuf» na sua frente; Vigorosa e «Cuf», 9 pontos.

Se o F. C. do Porto ganhar ou empatar com o seu rival portuense, mantém-se campeão, mas se for batido e o Sporting derrotar a «Cuf», haverá necessidade de um jogo suplementar, para desfazer o empate entre «portistas» e «leões».

Esta é a situação, que dá extraordinário relevo ao interesse deste campeonato; o que sucederá, porém, é mistério sobre o qual nos não permitimos formular hipóteses, reconhecendo embora que o Porto tem maiores probabilidades a seu favor.

Na jornada passada, a «Cuf» foi ao Porto, para ser derrotada por 11-5 pelo campeão, que se refez do percalço anterior e evitou a derrocada das suas justificadas aspirações.

Em Lisboa, o Sporting conseguiu, com merecimento, bater o Vigorosa por 6-4, apesar da má exibição da sua linha avançada, onde Faria foi pior do que nulo, Vidal um egoísta impenitente e Tomás o grande senhor que espera o proveito do trabalho dos companheiros...

Na equipa portuense, a cujo desportivismo na derrota se deve render homenagem, notamos melhor sentido de desmarcação e colaboração mais activa de todos os avançados nos esquemas do ataque, mas menor segurança defensiva e nítida disparidade de valor entre os componentes de cada linha.

A arbitragem de António Magalhães ofereceu a garantia do seu prestígio, imparcial e competente como nenhum mais — mas não foi das mais felizes, porque com frequência assinalou tardiamente faltas, beneficiando o infractor, e porque foi na segunda parte muito mais benevolente no julgamento das faltas na área, que antes considerara puníveis com o castigo de treze metros.

JOSE DE EÇA

AS NOSSAS SEPARATAS

PROSSEGUE com regularidade a impressã das primeiras folhas do original série de separatas dos EMBLEMAS DOS CLUBES DESPORTIVOS.

A inclusão de cada separata destas, nos números da STADIUM, está para breve. Impressas e côres, conforme o original, o seu conjunto será uma COLECCÃO MAGNÍFICA.

A BIBLIOTECA DA «STADIUM»

DISSEMOS já que será um trabalho vasto, do maior interesse, dividido em várias séries, tais como historiografia e bibliografia desportiva, técnica, etc.

A «Biblioteca da Stadium» é constituída por uma nova colecção de separatas ABSOLUTAMENTE GRATIS.

Basta adquirir a nossa Revista para formar uma biblioteca desportiva do maior interesse — única no nosso País.

Ano III — II Série — N.º 133

Lisboa, 20 de Junho de 1945

Stadium
REVISTA DESPORTIVA

Director e Editor:
DR. GUILHERMINO DE MATOS

Propriedade da
Sociedade de Revistas Gráficas, Lda.

Redacção e Administração
T. Cidadão João Gonçalves, 19, 5.º
Telefone 51146 — LISBOA

Execução gráfica de
NEOGRAVURA, LDA. — LISBOA

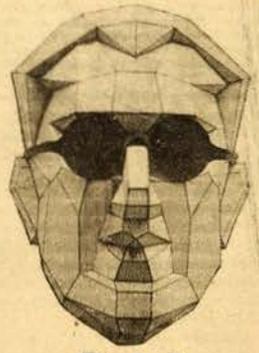
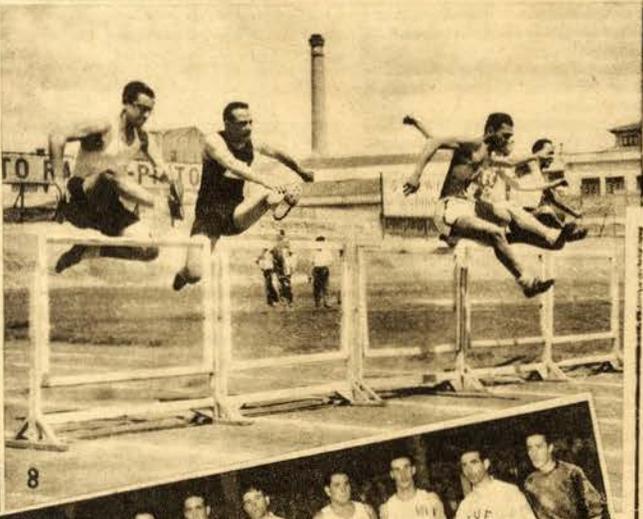
VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA



EM LISBOA: 1— Os juniores do Sportina, campeões regionais de handball; 2— Um abraço de amizade entre dois juniores que «arrularam» no campo — por ordem do dr. Salazar Carreira...; 3— A tripulação do Estrela Praia que venceu os campeonatos regionais de remo (velocidade) em «volles» de 4; — Magnífica fase do encontro de handball entre o Sport



e o Vizconde; 5— Rebelo e Mourão entram ao Sportina as taças que conquistaram na «Volta a Espanha»; NO PORTO: 6— Cadete do Académico que venceu a prova de dardo nos campeonatos regionais de atletismo (seniores); 7— Simpatia Peixoto (Ac.) ganha isolado os 400 metros; 8— Fase dos 110m. barreiras O primeiro da direita, J. Pereira, foi o vencedor; 9— A. Barros, do F. C. Porto, ganha os 10.000 metros; 10— As equipas da Gil (de pé) e do F. C. Porto, que disputaram a final do campeonato nacional de «baskets» da 2.ª divisão, ganho pela Gil.



**GIL
OCULISTA**

FUNDADA EM 1865
Depositiária das lentes "ZEISS"
Binóculos, Termómetros
Bússolas de marcha, etc.
Aparelhos de Precisão
139, RUA DA PRATA, 14C
Telefone 22629 LISBOA